

Programa Curso com a Professora Manuela Braga

Natureza e Arte – Caminhos em volta

Dia 7 de Outubro

1ª sessão – “A explicação órfica da Terra”

A Natureza como local primordial: da montanha sagrada aos Campos Elíseos. O espaço em volta – o coro – as muralhas, o interior como a urbe – o local da polis- da organização social.

As potências telúricas da terra - O *paradeisos* animal- das festividades dionisiacas, às órficas e ao Cristo-Bom Pastor- Mutações de sentido- o exemplo do mosaico romano do Arnal. A pacificação dos animais selvagens pela música e o bem-estar do que rodeia - a harmonia do universo. das sete cordas da lira e das sete esferas do universo- ritos de purificação.

A renovação futurista da geração de Orpheu.

Cidade e campo- alegorias do Bom e Mau Governo político

Locais idílicos- a *eutopia* da Arcádia – o bucolismo pastoral.

Dia 14 de Outubro

2ª sessão - “Ver podendo dispensar tudo menos o que se vê”

Sujeito e mundo fundidos na pintura do final do Renascimento

– sentir e ouvir – a descoberta da estética e emocional paisagística.

Do cântico à Natureza em Bellini - pintura da escuta das pequenas criaturas, cruzando-se em continuidades, como nos instantes de alerta nocturnos em Weyeth, ou na sensualidade associada aos elementos da natureza entre Renoir pintor e filho cineasta.

Ut pictura poesis- a pintura paisagística como poesia e estados de alma. Alegorias em torno da ninfa da fonte-grande mãe da Natureza- do desejo físico à sublimação artística.

Contraposto das núpcias selvagens do Norte da Europa- os esposais rústicos, da sátira erótica às fantasias burlescas na floresta do mundo-às-avessas – a floresta como domínio do mal nos contos tradicionais.

Alexander Cozens e a invenção, no século XVIII, pelo gesto e o acaso, de paisagem mental.

Dia 21 de Outubro

3ª sessão - **A Arcádia já não mora aqui**

A Metrópolis em expansão - os desalojados da vida moderna- isolados da história e da tradição- “um local qualquer”.

A ruína em reverso- dissolução cultural num estádio de indiferenciação- a Pré-História no lugar do marco civilizacional, o anti-monumento na aridez da paisagem.

Land Art- Robert Smithson, entropia biológica e psicológica – recusa de romantismo e clichés pitorescos – ruínas como terrenos esgotados pelo esventrar industrial. A polissemia do significado de “paisagem” - texto, hipertexto, imagem reproduzida e impressa; captada por uma qualquer máquina e olhar – os meios misturam-se.

A contra-resposta ao purismo de retiros de utopias artísticas fora do tempo e da natural decadência.

Dia 28 de Outubro

4ª sessão - **A bom mato vens fazer lenha**

“Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou” Eclesiastes 3:2

Obras, artistas, materiais- Retorno ao artesanal – médium artístico e meio semi-rural.

Quando as identidades citadina e rural se esboroam e as fronteiras semânticas e topológicas entram em mutação, o que permanece no contacto com a terra? Os cheiros, os elementos da Natureza, o tempo e ciclo imutável; que sabedoria ainda se pode recolher e fazer prosperar? Terá desaparecido o “o olhar ingénuo” da mistura entre tradição e modernidade?

Novas comunidades em busca um estilo de vida em equilíbrio com a natureza

Do *site specific* aos terrenos vagos- locais de nenhures – indefinição geográfica e artística – a periferia do que também não se deixa emoldurar. Percursos nas margens das classificações. Pintura e superfícies- tecidos e tinturas naturais- recolha de tradições milenares – “Into the woods” como digressões em busca de outros media; labirintos mentais que despertam as sensações.

Dia 4 de Novembro

5ª sessão

Balanço do curso.